

Baobá



Amanda Almeida

Diagramação

Beatriz Melo

Artes

Beatriz Melo

Capa

Mg Artss



Sumário

Mírian, o pássaro

01

Jeane, a invenção

02

Sarah, o romance

03

Patrícia, a raiz

04

Magda, a insubmissão

05

Maria, o amor-perfeito

06



Dedicatória

À minha mãe, Andréa, que me ensinou sobre baobás e me cobriu de amor desde o momento zero da minha existência, de todo amor que eu tenho - definitivamente - metade foi você quem me deu.

Ao meu pai, Eliseu, por me ensinar o amor através do cuidado e disposição.

À minha irmã, Helena, por ter me ensinado a amar incondicionalmente.



O livro que vocês lerão agora só foi possível porque seis mulheres negras aceitaram falar comigo sobre amor. Essas histórias são - primeiramente - de Mírian, Sarah, Jeane, Patrícia, Magda e Maria de Lurdes. Depois, são minhas também. Em cada encontro, conversa, linha escrita tem um pouco de mim, um pouco de quem me tornei após esse projeto, um pouco do que eu acredito e do que passei a acreditar.

Acredito na força do amor, acredito que o afeto é que o nos faz humano, o que torna tudo -insuportavelmente - real. bell hooks diz que o amor cura e é verdade, que possamos cada vez mais e, em sociedade, falar sobre o amor, sobre a falta dele, sobre as relações subjetivas que cada um de nós temos com esse sentimento.

Que nós também, enquanto mulheres negras, consigamos projetar um futuro onde nos amamos e somos amadas com sabedoria, cuidado e respeito.

Mírian, o pássaro



Nos olhávamos e ríamos sem graça. Coisa difícil nessa do jornalismo. Entrevistar outra pessoa que também estuda jornalismo é difícil. Entrevistar um amigo é difícilimo. Olhei em volta. A imponente Igreja São Pedro dos Clérigos, em Mariana, tem aquela arquitetura barroca, que oprime e acolhe. Porém, o que chamava atenção mesmo era a vista ali de cima: as casas, outras igrejas e as montanhas de Minas Gerais. Dali tudo parecia muito pequeno, até a gente.

O som que mais se ouvia era o canto dos pássaros. Alternei o olhar entre o pássaro marrom que relaxava sobre o tronco da árvore e a mulher sentada ao meu lado, com o Black preso no alto da cabeça, a blusa vermelha do Movimento Negro de Mariana, as pernas cruzadas e os braços para trás. Talvez por causa da luz solar do final da tarde, ela tenha me lembrado uma ave. Pigarrei: “vou começar a gravar, então”. “Tá bom”, respondeu.

Enquanto eu explicava mais uma vez o objetivo da entrevista, ela sustentou meu olhar e deixou um sorriso dançar nos lábios. Lembrei que, algumas horas atrás, estávamos sentadas exatamente assim, no chão da minha casa, rodeadas de amigos em comum, jogando conversa fora e comendo um bolo de fubá feito por ela. Eu a conheci esse ano, mas não parece. A sensação é que ela sempre esteve aqui, tão forte é a sua presença e magnitude.

Não consigo me lembrar da nossa primeira conversa ou do momento em que percebi que gostava bastante dela. Lembro de vê-la com os cabelos verdes e de pensar no quanto ela era bonita – e depois, só me

lembro de algumas cervejas no Jardim, mas com um grupo grande demais para que se desenvolvesse ali algum tipo de laço.

Em algum momento, entre notar o cabelo e tomar uma cerveja, esse laço foi criado e, quando percebi, já comíamos bolo de fubá na minha sala. Voltei a atenção para a entrevista e sorrimos mais uma vez, até que de fato começássemos.

Mírian dos Santos Neves, 19 anos, bissexual. São as primeiras informações que capto em áudio, a pergunta e resposta que saem mais facilmente. A partir daí, quando começamos a falar sobre o amor, engasgamos, desviamos, aprofundamos, transformamos palavras em nó, depois em laço e, por fim, em história.

Mírian começa contando sobre a vida em Riacho de Santana, na Bahia. Lugar que nasceu e cresceu. Filha de pais extremamente religiosos, define a relação entre eles como “conturbada”. O pai, branco, a chamava de “negrinha”, um apelido que até hoje causa repulsa. A mãe é uma mulher negra, super protetora, que usava o amor para justificar o controle excessivo. Mírian nunca gostou de gaiola e dava seu jeito de viver, mesmo sob a vigilância sufocante e constante dos pais. Aos 11 anos, decidiu sair da Igreja Evangélica.

A partir daí, escapava para a pracinha da cidade para ver os amigos, conversar, paquerar e beijar. Ouvia a moto da mãe de longe, procurando-a, e arrumava um jeito de fugir. Pegava a pessoa pelo braço e chamava para dar uma volta. Recusava-se a aceitar a corda amarrada aos pés, precisava voar.

O primeiro amor foi um menino negro, na época da escola, que provocava rivalidade entre ela e uma menina branca. Inseguranças instauradas em todas as meninas e mulheres negras desde sempre se confirmavam nessa relação: o esforço que é necessário para ser amada, o preterimento, a solidão e o medo da solidão.

Em uma das brigas com o menino, recebeu um tratamento doloroso e, no impulso dos sentimentos desconhecidos e sufocantes, dentro das incertezas que preenchem as mentes de meninas negras desde muito cedo, Mírian pegou alguns remédios e foi para casa de uma amiga.

“Foi a primeira vez que mainha viu que tinha algo errado acontecendo comigo”, diz. Os pais reagiram atribuindo a culpa de tudo aquilo à rebeldia que, na visão deles, ela manifestava contra a Igreja. “É isso que acontece quando você se afasta de Deus”, disseram. E ela aceitou.

Até então não percebia a sede por se sentir amada. Não percebia como buscava, implorava para sentir o amor. Não conseguia enxergar o amor dos pais em meio a tanta repressão e controle. Não conseguia achar o amor externo. Não conseguia alcançar o amor próprio. Voltou-se, então, para o amor divino. Tinha que ser Deus, Ele a amaria. O que viu, entretanto, foi mais do mesmo: A imposição da obediência cega, a necessidade de se anular completamente, o controle e a gaiola. A gaiola que a prendia desde muito cedo. Espectadora, via o céu e sentia amargar em algum lugar, entre o estômago e o coração, algo que ainda não tinha nome, mas viria a ter em breve.

Sentia a pressão para pensar em casamento. Olhava para suas amigas da Igreja - a maioria meninas brancas - que já estavam em relacionamentos, orando e esperando pelo matrimônio. Mais uma vez sentia aquele ar do passado: de repente, era criança e estava fora da lista das meninas bonitas da sala. De repente, era a menina que não foi amada – de novo.

Havia, entretanto, alguém interessado por ela. Não era bonito, mas tratava a mãe dele bem e ia cuidar dela. E isso basta, diziam. Ela tentou fazer bastar, arrastou o relacionamento por um tempo. O homem branco, 23 anos, era aceito pelos pais dela – e aturado por Mírian.

Foi em uma viagem a São Paulo, para visitar a família, que ela presenciou, num parque aquático, a imagem de uma mulher negra e de um homem branco abraçados, sorrindo e se beijando. Sentiu que não queria aquilo, nada daquilo. Conversou com os tios, que a aconselharam a viver a vida, estudar, conhecer pessoas. Não era preciso se prender agora.

O amargo começava a ganhar um nome, mas ainda era cedo. Voltou para a Bahia e rompeu duas relações: com o namorado e com a religião. Na escola, não conversava com ninguém. Sentia que precisava provar que não era necessário estar na Igreja para ser uma boa pessoa, que não ia ser manipulada por amizades.

Os fantasmas, infelizmente, perseguem por muito mais tempo do que deveriam. Foi uma fase também de hipersexualização, necessidade de aprovação. *Eu sou bonita, não sou? Você me quer? Então, por que não me ama?* Foi necessário um tempo para que ela começasse a refletir sobre o amor, procurar se

conhecer e começar a tratar das cicatrizes.

O amargo começava a ganhar um nome, mas ainda era cedo. Voltou para a Bahia e rompeu duas relações: com o namorado e com a religião. Na escola, não conversava com ninguém. E precisava provar que não era necessário estar na Igreja para ser uma boa pessoa, que não ia ser manipulada por amizades.

Os fantasmas, infelizmente, perseguem por muito mais tempo do que deveriam. Foi uma fase também de hiperssexualização, necessidade de aprovação. *Eu sou bonita, não sou? Você me quer? Então por que não me ama?* Foi necessário um tempo para que ela começasse a refletir sobre o amor, procurar se conhecer e começar a tratar das cicatrizes.

Nesse período, teve sua primeira relação com uma mulher. O relacionamento foi bom, mas ambas estavam no último ano da escola, e a vida depois dali seria uma surpresa. Começaram um processo inconsciente de sabotagem ao relacionamento. Foi nessa relação, entre o ciúmes e sufocamento, que percebeu que não queria que fosse assim. Então, o amor é isso? É sufocar? É prender o outro? Eu tenho que dar tudo de mim, tentar controlar o outro para amar? Não, isso não é amor.

O amargo que preenchia seu peito, aquele gosto estranho de não ser amada o suficiente, de não ser amada corretamente, quando foi desembolado e entendido, saiu aos lábios parecendo doce e certo: liberdade. Tudo o que o amor é e tudo que ela sempre quis. Não havia mais gaiola, só as asas do pássaro e a liberdade de ir, vir, ficar e repousar. Se o amor é algo,

então é acolhedor: Eu quero o seu bem, mas não quero mudar você. E é liberdade: eu quero que você viva o que quiser.

Hoje, em suas relações não-monogâmicas, com suas amigas e com sua família, Mirian se sente amada e sente que sabe amar. Conta de quando, nesse ano, uma prima muito próxima tentou suicídio e ela soube acolher e cuidar, muito diferente do que tinham feito com ela na mesma situação. Com o irmão mais novo, pessoa com quem acha que guarda muitas semelhanças, procura ajustar a vivência com o que gostaria que tivesse sido ajustado para ela quando mais nova.

O que faz é usar das suas asas e de um voo potente para descobrir direções e sugerir encaminhamentos. Não quer ser a primeira e a última da sua família em suas conquistas. O amor como pertencimento, ancestralidade e legado: não para em mim.

Encerrando a entrevista, vejo os pássaros e entendo mais sobre ela. Mírian é livre, o bater das suas asas é magnífico. Penso com carinho em todos os lugares para os quais os voos a levarão. Liberdade. Coisa negada às pessoas negras há tanto tempo, mas ela vai atrás e reivindica: se eu quero minha liberdade, minha liberdade também é só existir, sem precisar ficar explicando porque eu existo, diz. Não é necessário explicar. Finalizo a entrevista com a sensação de ter presenciado um acontecimento raro – como um pássaro pousando em seus ombros e cantando para você.

Jeane, a invenção



O sol queimava minhas costas e rosto, cheguei duas horas antes da entrevista e, mesmo assim, não consegui achar nenhum banco que estivesse privilegiado por alguma sombra. Era verão ainda, dia de semana, mas o Jardim de Mariana estava repleto de crianças brincando, famílias passeando, idosos jogando conversa fora e adolescentes em seus uniformes, tomando sorvete e flertando. Tudo que se espera que aconteça em uma praça.

Já começava a me arrepender da calça escolhida, que esquentava ainda mais a pele, quando Jeane apareceu. Não a conhecia pessoalmente, nosso primeiro e único contato até então tinha sido através do Instagram para marcar a entrevista. Jeane se aproximou sorridente, usava um short jeans e uma blusa fresca, os cabelos estavam em uma longa trança e carregava uma bolsa. Ela me cumprimentou animada, solícita. Comentamos sobre o calor, olhamos ao redor procurando um banco premiado, embaixo de uma grande árvore, mas estavam todos ocupados. O jeito seria tomar um pouco mais de sol nos ombros. Começamos.

Jeane Polva Lourenço Silva. Travesti. Mestranda em Comunicação pela UFOP, onde pesquisa anarquismo e racialidade a partir de três autoras: Castiel Vitorino Brasileiro, Aline Mota e Rosana Paulino. Quando nota meu rosto transformando-se imediatamente em uma interrogação, explica com a facilidade de quem sente e sabe um tema na mesma quantidade: é você, por exemplo, desarmar fotos de família e anarquizar a partir da perspectiva de uma mulher negra, agora adulta.

Anarquismo. Bagunçar e reorganizar criticamente.

O termo ecoa durante toda a conversa, até alguns dias depois. Volta quando me sento para ouvir a sonora da entrevista, volta em cada linha escrita. Sinto que Jeane, ao conversar comigo sobre o amor, desorganizou-se para reorganizar-se criticamente e tudo começou com a primeira pergunta de fato: como o amor se apresentou na sua vida?

Nasceu primeiro em Timóteo, uma cidade mineira no Vale do Aço. Infância feliz: amigos e primos. Amada, sentia e recebia muito amor da família e amigos. Infância comum: brincar na rua, aproveitar o dia, crescer junto com primos e amigos. Jeane se lembra, em especial, de um primo, mas não acha necessário dizer o nome dele. Poderia até nomeá-lo com uma palavra que remetesse ao ato de acolher. "Acolhimento", pronto. Primo com quem Jeane cresceu junto. Juntos também se descobriram, apoiaram-se e se interpretaram mutuamente. Ele, negro e gay, e ela, até então, entendendo-se na mesma situação.

Foi também em um processo juntos, em meio à adolescência, marcada pelo bullying e pela rejeição na escola, que Jeane descobriu, pela primeira vez, o amor próprio. Foi quando ela e o primo deixaram o cabelo crescer. Ela nasceu de novo, enquanto também nascia o Black. Junto com o cabelo vinha a autoestima, o cuidado e a reafirmação enquanto uma pessoa negra.

Quando adentramos em outras esferas do amor – para além daquele que é interno e dos amores que marcam a família e as relações de amizade – Jeane conta que seu primeiro amor foi platônico. Amou intensamente um garoto sem nunca ter tido a coragem de se expor.

Não era nem uma rejeição, sequer chegava nessa fase. O que acontecia era a total anulação do seu corpo e da sua pessoa como possível objeto de amor. Só foi possível pensar e viver aquela história de amor em suspiros, devaneios que preenchem a mente pelas madrugadas, sem a possibilidade do toque, do beijo, da conversa, do amor de fato.

Na verdade, a coragem de desvendar-se frente ao amor veio somente quando nasceu Jeane. A partir da transição, quando começou a se sentir melhor consigo mesma, é que foi possível demonstrar interesse por alguém e dar o primeiro passo em relação ao outro, o objeto do afeto. Com esse terceiro nascimento de Jeane, nasceu também, como era de se esperar, uma força, uma vontade e uma coragem de se apresentar ao mundo.

Apesar da abertura ao amor, não foi recepcionada com reciprocidade. Sente-se mais confiante, pilares sólidos sustentam quem Jeane é como adulta. Mas o amor, o sentimento que provoca suspiros, para o qual todos os livros, todas as músicas e todos os poemas foram escritos, que transforma estranhos em almas gêmeas, esse não apareceu. Ainda.

Aparece algo que, de longe, talvez possa mascarar-se. Vem com a mesma voz mansa, mas, ao contrário do amor, se retrai, esconde-se. A objetificação do seu corpo, o sigilo da relação, a vontade de satisfazer rapidamente um desejo, um fetiche, mas nunca amar de verdade, nunca segurar a mão e afirmar-se perante ao silêncio, à dor, ao medo e à rejeição: "A gente é vista para todas as coisas, menos para o amor".

Mas se Jeane é a invenção, é a anarquia e o anarquívamento, então, o amor há de vir. E se o amor, como é contado nas telas, obras e livros não chega até ela, se não representa a verdade e realidade de quem ela é, do que acredita e do que deseja, então ela cria outro. Cria um que lembra a amizade: respeito, carinho, cumplicidade e cuidado. “Já que esse amor idealizado não foi feito para gente, nós temos que criar outras possibilidades de conexão que não as habituais” .

A Invenção, criação e construção são palavras que se repetem durante a entrevista. Jeane não vê nada como dado. Nada é só isso e pronto. Tem sempre mais uma oração depois da vírgula, trazendo esperança. Há sempre o “ainda”. Jeane fala da imaginação como necessária para a sobrevivência. Imaginou seu primeiro amor, imagina possibilidades novas, outras formas de amor onde ela consiga se encaixar sem necessidade de se esforçar para caber ali.

A imaginação também arquiteta o seu futuro enquanto travesti negra. Jeane explica que, se não acessa um lugar, então cria outro. Se o amor idealizado não chega até ela, então cria outro amor. Quando pensa no que espera do amor, pensa em uma relação transcetrada, pensa nas amizades – que é como descobriu o que é o amor – pensa em liberdade e no futuro.

Toda a conversa desenrola-se muito facilmente. Jeane precisa de pouquíssimos segundos para pensar na pergunta, é como se estivesse tudo na ponta da língua, esperando para sair. Mas quando pergunto se ela se sente amada, um silêncio se estende. Por alguns segundos, Jeane percorre os olhos pelo jardim

e pelo céu. O tempo que corre faz a pergunta retornar um pouco para mim também. O alívio de não ter que responder internamente a questão me preenche quando ela responde: por amizades, sim. Cita um trecho da música *Lua da Outra Banda da Lua* que diz “Nem sei se vou dormir, agora que eu descobri o amor” e diz esperar o dia em que vai saber o que é o amor.

Quando esse amor vier, que não venha tirando tudo do lugar, que saiba respeitar o que veio antes, que chegue junto de uma Jeane que sabe ser sozinha, que sabe se amar e que sabe se cuidar – coisas que agora ela diz ainda estar aprendendo –, que venha tranquilo. Nada de avassalador, que abale tudo aquilo que inventou e criou para si: a construção de todas suas relações, de tudo que é importante para si, de todo espaço ocupado – e o peso sufocante que advém disso.

No momento em que falamos sobre família, ela conta pouco sobre o abandono do pai. Quando criança, ele já não era presente. E quando Jeane começou a transição, o pai cortou o laço de vez. A mãe está aprendendo a amá-la como filha, já que, durante toda a vida, amou-a como filho. Mas não faltam os laços, o amor e as trocas com o primo, com as amizades que lhe preenchem. Todas as colheitas do que um dia foi somente uma invenção.



Sobre o futuro, Jeane expressa a vontade de seguir uma carreira dentro da academia, mas sente o peso da denúncia de ser sempre a única ou a primeira – a primeira da família a entrar em uma Universidade, a única travesti negra a ocupar o espaço – “A representatividade é importante, mas também é uma armadilha” .

Sente que, por vezes, é preciso falar daquilo que ainda não se falou. Pois se seu corpo é um tópico sensível dentro da Universidade, é preciso discutir e debater. Então arde a necessidade de sempre estar falando sobre racialidade e travestilidade. O espaço, que parece trazer no seu fundamento a liberdade, traz para Jeane preocupações como o horário mais adequado de ir ao banheiro, para evitar possíveis violências e constrangimentos.

Jeane parece ver o mundo pelo olho mágico, encara o futuro como uma criança que observa as nuvens se formando e inventa imagens. *Invenção*. A criatividade e a coragem de olhar para o passado e presente e, mesmo assim, conseguir desenhar um futuro melhor. Para Jeane o amor é uma possibilidade, capaz de ser reinventado, reescrito, relido e revivido. Apesar de admirar sua bela capacidade de inventar, espero também que ela viva amores dignos. Jeane reinventou o amor para mim em diversas partes desse encontro, o anarquivando.





Sarah,

o romance

“Quer vinho?” – pergunto, enquanto seguro no ar uma garrafa de vinho branco barato. Ela acena em sinal positivo com a cabeça e levanta o copo. Sentamos em uma roda meio dispersa, enquanto ela encosta e se embola na namorada, que também está sentada no sofá da minha casa. Conheci a Sarah através da namorada dela, que mora comigo. Quando conheci a Sarah elas ainda não namoravam, mas sempre foi uma daquelas coisas que todo mundo sabia onde ia dar. A entrevista foi há meses atrás, bem antes de ser comum vê-la deitada naquele sofá ou compartilhar vinhos. O encontro foi no Jardim de Mariana, numa tarde de calor infernal. Não sabia o que podia esperar dessa conversa, Sarah parecia muito tímida. Enquanto a esperava, sentada em um banco, tentava me lembrar de como era o timbre da voz dela e, depois, quantas vezes a ouvi de fato falando.

Sarah é pequena. Aproximou-se de mim um pouco tímida, mas também relaxada. Na verdade, hoje percebo que essa é uma grande característica dela: parece sempre à vontade e alerta, em uma dualidade curiosa. Sarah Emanuelle Batista Araújo tem 22 anos, é lésbica e tem cabelos longos e cacheados, usa óculos e camisetas de time de futebol. Nasceu em Timóteo, cidade mineira situada na região do Vale do Aço, e veio para Mariana cursar História. Os primeiros minutos da nossa conversa parecem com aquelas sessões de pingue-pongue. Ela responde as questões claramente, sem deixar espaço para dúvidas. Parecia mais à vontade em falar sobre o assunto que eu propunha – o amor – em comparação a todas as outras pessoas que eu já havia entrevistado sobre o tema.

Para contar essa história, preciso que você, leitor, imagine uma estrada com uma bifurcação logo à frente. Paradas em frente a essa bifurcação, estamos Sarah e eu, em nossa conversa, no verão, meses atrás. Preciso que imagine também o final de um desses caminhos, onde Sarah e eu nos encontramos agora, no outono, quando escrevo essa crônica. Essa primeira imagem é a versão de nós duas que encara os caminhos pela frente, sem saber o que vai acontecer, e que conversa sobre o amor – o passado, o futuro e as expectativas. E agora veja também a versão que andou por esse caminho, que realizou algumas expectativas, que ultrapassou alguns obstáculos, que sabe do lugar no qual a Sarah chegará. Ao longo desse texto, vamos precisar visitar essas duas versões – a do passado e a do presente.

Começamos pela Sarah que olha a bifurcação à frente. Sentadas no banco, debaixo de uma sombra refrescante, ela me conta que namorou quatro vezes, rememorando quatro histórias diferentes que ajudaram a formar uma ideia mais clara do que seria o amor. A primeira história foi marcada pelo primeiro namoro, aos 15 anos, com uma mulher negra retinta. Sarah não chegou a se apaixonar, mas, perdida nas incertezas da adolescência, acabou mantendo o relacionamento por algum tempo porque não sabia como sair dele. E foi por isso mesmo que, quando tudo acabou, sentiu alívio.

A segunda história é a de um relacionamento que a fez sentir, pela primeira vez, o desespero agonizante da paixão, que parece ainda pior quando chega junto com todas as incertezas da adolescência. Se em sua

primeira relação, ela era a malfeitosa – que amou menos, entregou pouco – nessa, ela era a vítima. Na relação, não sentia que era valorizada e tratada da forma como gostaria. Entretanto, foi nessas condições que pôde experimentar o que a paixão e o amor faziam a ela, que se autodenomina “brega” porque ama demais, é muito romântica. Os olhos brilham tanto que chegam a cegá-la, o que é ruim. Porém, em sua terceira história, percebeu que seria necessário mais cuidado com a entrega desenfreada à paixão. Afinal, o amor não justifica, nem atura tudo.

A terceira história vem com aquele sabor agridoce – não deveria ter acontecido, mas aconteceu e afetou a forma como ela enxergou o amor dali para frente. A relação também foi com uma mulher negra e era conturbada, com crises de ciúmes, muitas brigas, ameaças e chantagens que culminaram em agressão física. Quando o namoro terminou, Sarah precisou lidar com os traumas e sequelas de ter vivido uma violência. Foram longos três anos até que se sentisse pronta para olhar de novo para o amor, e é o que nos leva à quarta história.

A quarta história aconteceu após esses três anos. Sarah diz que a relação foi confusa – e que é mais recente. Namorou um pouco à distância, tentou abrir o relacionamento, mas percebeu que não era assim que o amor funcionava para ela. Sarah vê o amor de maneira tradicional. Para ela, o que acontece é que essa visão tradicional do amor, ao contrário da visão tradicional sobre quase todas as outras coisas, não é chato, entediante e ultrapassado. É *romântico*. São flores roubadas de canteiros pela cidade, chaveiros

que se complementam quando estão juntos, beijos que interrompem a fala, elogios inesperados, fotos juntas em meio à multidão, *playlists* dedicadas e o embolar-se no sofá com copos cheios de vinho branco.

Peço para que agora você imagine a segunda versão, a do presente – aquela após a bifurcação –, enquanto a ouço rindo na sala, e também quando abro o armário do banheiro e vejo sua escova de dentes, um dos sinais de sua presença espalhados pela minha casa. Penso em como a vejo sendo o romance, sendo todas brequices que se espera de um amor tradicional, ao mesmo tempo que ela está com um olhar mais maduro e saudável em relação a esse sentimento tão bonito. É uma oportunidade fascinante escrever sobre suas antigas histórias – essas que a trouxeram até aqui –, enquanto vejo uma nova história se desenrolar sob meus olhos.

Volto para aquela tarde no jardim, quando perguntei a ela o que era paixão e o que era amor: “Paixão pra mim é dor no estômago, suar, e não conseguir tirar um pensamento direito da cabeça. Paixão é ansiedade. Amor é mais tempo, já parou de ficar ansiosa, mas ainda ama e te faz bem”. E é quando ela me diz que sabe o que é amar.

Sarah cresceu com um pai ausente, mas fala pouco sobre isso. Era de se imaginar. Como esperar que o Romance fale sobre abandono? Ela prefere o contrário: contar sobre estrutura sólida sobre a qual sua autoimagem e seu amor próprio se construíram. A mãe sempre ensinou a ela e a seu irmão sobre a beleza negra. Ambos cresceram amando a si próprios – e amando pessoas parecidas com eles. Sarah ri quando

diz que, agora, está em uma relação interracial. Mas diz que sabe amar pessoas negras – então essa não é uma questão.

Sobre sua sexualidade, conta que ser uma mulher lésbica foi algo natural a ela. Conta também a história de quando percebeu que gostava de meninas: tinha sete anos, ia de van para a escola com uma menina que costumava bater nos meninos. A cena agitava algo em seu coração. Ri quando se lembra que tentava irritar essa menina, brigar com ela, só para ver aquela reação. Mas não conseguia. Em relação à aceitação da família diante da sua sexualidade, conta que a mãe sabe e aceita – “mas nem tanto”. Explica que vem de uma família que tenta ser religiosa, e que não raras vezes se esconde na hipocrisia sobre o que julgam certo e errado. Abaixa um pouco o tom de voz quando fala de sua frustração por nunca poder levar uma namorada para o almoço de domingo em família, ao contrário do irmão – hétero – que faz isso com frequência. É possível tatear o sentimento de tristeza por trás disso. Sarah, que pensa em casamentos e filhos, que vê o amor como um poema, que vê, sente e é o Romance, não pode ter o que há de mais tradicional nas relações.

Sarah prefere não performar a feminilidade e até hoje diz que nota quando os homens não a veem com interesse, e quando as mulheres não a veem como uma mulher. Felizmente, sua autoestima é sustentada por fortes pilares. Sarah sabe de sua beleza e não parece atravessá-la os meio-termos, os meio-afetos dessas relações que não se concretizam e não parecem aceitá-la por completo, além de tratamentos e relações que não contemplem tudo que ela é.

Quando pergunto sobre o que ela considera essencial a uma relação fala sobre companheirismo. Sarah parecesse enxergar o peso do mundo como um fardo a ser dividido, como se as flores existissem para servirem de declarações – para serem roubadas de canteiros e oferecidas como um beijo - e as cores para dizerem algo sobre o amor – como se o laranja do fim das tardes falasse sobre o amor infinito e o roxo presente no cabelo da namorada também fosse a cor da paixão.

As perguntas acabam rápido, mas ela diz que quer falar mais. Sorrio. Devia ter me preparado melhor para falar sobre o amor com o Romance. Questões sobre as quais tantas outras pessoas divagavam, Sarah respondia em segundos. Óbvio que ela não precisaria de muito tempo ou de muitas palavras para definir o que é o amor. Continuamos uma conversa sem roteiro. Eu me esforço para tentar pensar em mais perguntas e rimos muito durante esses últimos minutos. Também trocamos fofocas e falamos sobre o amor interracial, muitas vezes mal visto e julgado. Casos e casos, eu falo. Sim, ela responde. Sarah sabe se amar, amou outras mulheres negras, ama pessoas negras. A questão da sua cor e da sua raça estão bem resolvidas.

Então rimos ainda mais quando eu pergunto como está o coração dela agora: está apaixonada? Ela me olha por cima dos óculos e ri – agora tímida: tô. Durante algum tempo, segurei essa informação. Continuei vendo-a cada vez com mais frequência dentro da minha casa e, aos poucos, dentro da minha vida também. Do outro lado da bifurcação, contemplo esse momento com

outro olhar... Os olhos dela evitando os meus quando afirma estar apaixonada, o riso frouxo e nós duas sem saber onde essa estrada levaria.

Era sempre uma excelente surpresa encontrá-la na cozinha, entrelaçando os braços nos braços da minha amiga. Ou ver pequenas flores espalhadas pela casa - aquelas que Sarah roubava pelos canteiros da cidade. Do outro lado da bifurcação, no presente, enquanto todas essas linhas são escritas, Sarah namora uma grande amiga minha. Acompanho de perto, e com o coração transbordando, duas pessoas amando-se. Duas pessoas pelas quais tenho enorme consideração. Duas mulheres.

Sarah me deu o prazer de simplificar o amor. Sabemos que tudo é complicado, que relações podem ser confusas, que traumas existem e que sempre haverá o caos a ser desenrolado. Mas, às vezes, você vai amar alguém que também vai te amar. E serão flores, cafés, músicas, poemas e cores. Será simples como respirar. As mãos tremendo de ansiedade encontraram firmeza nas mãos da outra pessoa, os pensamentos bobos serão decodificados pelo outro e tudo estará bem. Porque o peso do mundo foi dividido e tudo está mais leve para seguir a caminhada. Que experiência fascinante foi ver o Romance falando de amor e se apaixonando. Mal posso esperar para saber como será o caminho dela daqui para frente, qual será sua próxima bifurcação e onde isso a levará.



Patrícia, a raiz



// “Meu amor te atravessa como as ruas” está escrito em letras grandes e brancas no banco em que estamos sentadas, no Jardim de Mariana. Sorrio com a coincidência de estar me preparando para falar sobre o amor sentada em um banco com esses dizeres. A mulher à minha frente está carregada de uma energia ímpar para um sábado à tarde. Antes de começarmos a falar sobre o amor, ficamos algum tempo trocando ideias sobre a ausência de programas da TV aberta para crianças e o excesso de programas para donas de casa.

Patrícia tem 34 anos, é formada em Letras pela UFOP e dá aulas de Português na rede estadual de ensino. Nasceu e cresceu na mesma casa, em Mariana, no bairro Barro Preto, que, durante a infância dela, não era tão movimentado. Havia muito menos carros e transeuntes do que agora. A casa era cheia, família grande. Além dos pais, moravam ali mais três irmãs e um irmão adotivo – que chegou quando ela já estava transitando para a vida adulta. Os pais são de Caratinga e vieram para a Primaz de Minas na década de 1980 para trabalhar na área de mineração.

A família era “muito família”, como ela diz. Cresceu rodeada de apoio. Nas férias, todos iam para a cidade de Caratinga, onde morava a avó materna. Casa lotada, encontro com primos e tios, uma grandíssima festa. Entretanto, o amor demonstrado com afeto, palavras e carinho não era muito presente. “Era um amor contido, até mesmo pela dureza da vida”, explica Patrícia. Mesmo assim, sentia-se amada, principalmente pela tia Maria, irmã da mãe, que cumpria e cumpre esse papel do amor mais afetuoso. Era fácil conversar com ela e era

sempre um evento a visita da tia.

Tia Maria, personagem importante nessa história, mora em Boa Esperança, no Espírito Santo. Tem a pele retinta e, até onde Patrícia se lembra, só namorou uma vez na vida – é cobrada constantemente, nas festas de família, sobre a ausência de um companheiro. Mas elas não conversam muito sobre isso. Uma vez, quando Patrícia, também solteira, viu-se, da mesma forma, confrontada com perguntas indiscretas sobre a falta de um namorado, falou com a tia sobre seus incômodos – especialmente sobre a expectativa das pessoas em relação à possibilidade de ela encontrar alguém. A tia ouviu e aconselhou que ela não ligasse para aquilo. Ninguém tinha nada a ver com a vida dela.

Não vi nenhuma foto da Maria, mas, na minha imaginação, ela guarda uma conexão com uma de minhas escritoras favoritas: Conceição Evaristo. Tomei a liberdade de imaginá-la fisicamente parecida com a literata. Os relatos de Patrícia sobre aquela tia fizeram ecoar em mim um trecho do poema “Da calma e do silêncio”, da Conceição Evaristo: *“Quando meus pés abrandarem na marcha, por favor, não me forcem. Caminhar para quê? Deixem-me quedar, deixem-me quieta, na aparente inércia. Nem todo viandante anda estradas, há mundos submersos, que só o silêncio da poesia penetra”*.¹

Tia Maria deve ter respondido a perguntas indiscretas muitas vezes, como se devesse explicações sobre a falta de alguém para caminhar junto. Quantas vezes deve ter sido lida como alguém incompleta por não ser casada e não ter filhos? Como se tivesse que ser preenchida por algo? Mas ali dentro, pela forma como

1. EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

Patrícia a reverencia, pela forma como fala dela, sinto haver uma enorme poesia. Como, então, poderia faltar algo?

Quando fala sobre os pais, Patrícia lembra de uma educação bem tradicional. Eles não discutiam, não falavam palavrão e sequer se beijavam na frente das crianças. Os únicos momentos em que ela se lembra dos pais conversando sobre a própria relação e sobre os filhos era à noite. Ela ouvia o sussurrar da conversa que atravessava o teto sem forro da casa onde moravam.

Diz ter sido ela a cobrar da mãe uma conversa quando decidiu beijar pela primeira vez, aos 11 anos. Quando contou do beijo a mãe se assustou, retrucou e disse que a menina falava demais. Mas Patrícia insistiu: *“você é minha mãe, se eu não falar com você vou falar com quem?”* Hoje sente que as duas têm uma relação mais aberta. Quando a mãe precisa conversar é a Patrícia quem procura, a mãe sente que pode falar com a filha sobre seus problemas e encontrar alento aos desabafos.

Dessa fase que sucede o primeiro beijo – a pré-adolescência e a adolescência, quando começamos a refletir e dar mais importância para o olhar do outro –, Patrícia lembra que sempre ocupou o lugar de amiga para os meninos. Ela os via desejando outras meninas, flertando e se relacionando com elas, que normalmente eram brancas e de cabelo liso. Então, Patrícia se recolhia, desenvolvendo baixa autoestima.

Lembra ainda, entre risos, de uma música que fez com suas irmãs quando decidiram que teriam uma banda.

O clipe planejado para a música “Humilhação” teria cenas em que as irmãs chegavam a uma festa e eram empurradas e desacatadas. A letra dizia: *“somos humilhadas, pisoteadas e não temos chance com ninguém”* e terminava com *“a população não tem jeito, não! Chega de discriminação”*. Hoje, aos 34 anos, reflete sobre o que acontecia a ela e às suas irmãs, sobre o que as teria marcado. Agora ela percebe que existe um peso social e político na letra que fizeram.

Patrícia teve seu primeiro namorado aos 17 anos. Ela o conheceu no Jardim de Mariana – mesmo local onde estávamos sentadas, conversando. O rapaz tinha 23 anos. Naquela época, ela estava ansiosa para perder a virgindade e aceitou namorar com ele para que pudesse *“resolver isso logo”*, como diz. Foi um primeiro relacionamento conturbado porque ele era ciumento e inseguro. Terminaram exatamente quando completaram um ano de relacionamento e, durante pelo menos longos três meses, ele ameaçava se matar caso ela não voltasse.

Dois anos depois desse relacionamento, voltou a namorar. Entre idas e vindas, ficou com um rapaz por sete anos. Carlos era lindo, segundo Patrícia. Mas não só isso. Era inteligente, engraçado e *“muito gente boa”*. Estimulou Patrícia a falar em público, pedia para ouvir sobre os livros da Angela Davis que ela estava lendo e sempre deu muita força para que ela seguisse o caminho da militância – que ela segue traçando como ativista do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU).

Nesse relacionamento, foi pedida em casamento duas vezes. Na primeira, ficou emocionada e disse sim,

mas a instabilidade do parceiro não permitiu que o noivado fosse para frente. Entre idas e vindas, teve o segundo pedido, para a esse a resposta de Patrícia foi negativa, isso porque, apesar da pessoa maravilhosa que ele era, todas as vezes que o relacionamento estava bem e forte, ele terminava dizendo não ter certeza se aquilo era o que realmente queria. Essa instabilidade perdurou durante esses sete anos e todos os caminhos que tomaram nesse período.

No final, já eram mais amigos que namorados e, quando reataram pela última vez, ela já notava que estavam chegando a um ponto final: *"Eu amo você, mas eu não vou pautar minha vida no amor. Se você estiver titubeando, eu vou terminar"*. E assim fez. Terminaram bem – até porque após sete anos, tinha, obviamente, muito amor envolvido ali. Mas Patrícia bem sabe que o amor sozinho não sustenta uma relação, e que a pessoa com a quem ela mais precisava ser fiel era ela mesma.

Pouco antes de dar fim à relação, foram ao show da Elza Soares, "A mulher do fim do mundo", e decidiram que iriam ao evento com os amigos. Curtiram sem contar nada para ninguém. Depois, terminaram tudo. Até houve uma breve recaída, que, no entanto, acabou com um riso cansado: "acho que não tem mais nada a ver, né?". Tiveram maturidade e compreenderam que o amor, na sua forma mais plena, está relacionado àquilo que bell hooks diz: é a disposição de estar com o outro para engrandecer a alma, tanto a da pessoa, quanto a própria, e isso pode fazer amando de várias formas, inclusive em uma amizade.²

Carlos suicidou-se anos depois. Patrícia me conta isso

com a voz claramente mais baixa, enquanto algumas lágrimas escapam. *"Eu não tinha chorado o último término até a morte dele"*, conta. Carlos teve um papel de muito protagonismo na história da Patrícia. Ela faz questão de reafirmar diversas vezes que ele era uma pessoa sem igual, que prestou muito apoio e que ajudou a se firmar como a mulher que é hoje. Fico feliz que tenham tido a oportunidade de se amarem assim nesta vida. Mas é ainda com lágrimas nos olhos e voz embargada que ela me conta que a outra pessoa com quem se envolveu depois de Carlos também se matou.

Não consigo imaginar o que é passar por esses dois lutos. É sempre muito difícil falar sobre a morte, porque estamos falando de ausência. Mas Patrícia parece ver o outro lado e fala sobre aquilo que é eterno e imutável: a mudança que eles causaram na pessoa que ela é. Não consigo imaginar uma forma melhor de lidar com a morte do que falar, não somente sobre a ausência, mas também sobre as permanências.

Apesar desses temas sensíveis, o tom da nossa conversa muda no final. Patrícia me diz que sente falta de se apaixonar e que, hoje, enxerga em si mesma maior maturidade quando o assunto é amor. Algumas situações de anulação e desconforto pelas quais ela passou já não seriam tão facilmente toleradas. *"Normalmente eu ficava à sombra das pessoas, já tinha me acostumado a não ser admirada em um relacionamento"*, emenda enquanto explica a importância de aprender a se valorizar.

Depois de falar tanto sobre o amor vivenciado a partir do outro – família, namorados, amigos –, acabamos

a conversa falando sobre amor próprio. Quando a questionei sobre sua autoestima, ela me respondeu que até refletir sobre isso era complicado. Disse que nunca tinha se sentido bonita, por exemplo. Cresceu alisando o cabelo, apesar de ressaltar que nunca teve paciência para cuidar e sempre deixava a raiz crescer naturalmente após bastante tempo sem química. “O racismo destrói tudo da gente”, diz ela, referindo-se às dificuldades no processo de aprender a amar a própria pele, o cabelo os traços. Outro exemplo: quando decidiu deixar o cabelo crescer naturalmente, fez isso consciente de que o black é um ato político por si só – e chegou a ler sobre isso para responder a quem quer que questionasse sua decisão.

Patrícia deixou o black por muitos anos, ostentando os cabelos naturais para o alto, como que coroando sua cabeça. Até que decidiu, durante o término de um relacionamento, raspar a cabeça com máquina zero. Assim o fez e mantinha o estilo quando me concedeu a entrevista. Gosta de experimentar as possibilidades da cabeça raspada, e gosta também da liberdade e praticidade. Ouso dizer que, mesmo sem o black, a coroa continua ali, consagrando-a.

Patrícia, para mim, é raiz. Raiz grossa, grande, que perfura o solo a longas distâncias, como a de um Baobá. Raiz porque é autossuficiente, recolhe para si mesma os nutrientes de que precisa, porque não tem medo dos atravessamentos, das hostilidades, das durezas da vida, porque foi criada em solo rico e tem tudo o que precisa dentro de si. Raiz como a de seu cabelo, que insistia em crescer mesmo após a química, nascendo de novo, e de novo, sempre no seu tempo.

O amor, para Patrícia, é disposição, é ação e ela o entrega a si mesma e aos outros, com facilidade.



Magda,

a insubmissão



Na madrugada do dia 30 de agosto de 1973, no bairro Veloso, situado na cidade histórica de Ouro Preto, Minas Gerais, nascia em casa uma criança. Foram necessárias cinco mulheres para realizar o parto árduo: nasceu ‘virada’ e muito grande. Precisamente às 3 horas da manhã, Magda puxava o ar da vida e chorava pela primeira vez. Se é fato que cumprimos alguma profecia nesse mundo, Magda realizou a sua nascendo assim, virada. Daquele momento em diante, o sentimento de estar em eterna postura de contestação, aquela estranha sensação de inadequação, instalou-se nela e fez morada.

Se é fato que cumprimos alguma profecia nesse mundo, Magda realizou a sua nascendo assim, virada. Daquele momento em diante, o sentimento de estar em eterna postura de contestação, aquela estranha sensação de inadequação, instalou-se nela e fez morada.

Não era a única criança da família. Além dela, havia outros quatro filhos no lar. Cresceu rodeada de espinhos, porque o afeto familiar era ausente. O pai e os irmãos estavam sempre fazendo reparos à sua aparência: gorda demais, escura demais. Ouvia do pai, por exemplo, que ela não devia ter nascido, que sua presença não havia sido requisitada ou querida. Na escola, o padrão se repetia. Sentia-se excluída mais uma vez, na contramão da correnteza.

Nos bailes dançantes da época, ela servia de escudo para as amigas. Colocava-se de guarda em frente às meninas – que se julgavam mais bonitas –, de forma que elas não fossem incomodadas com convites indesejáveis para dançar. Em uma das festas, recebeu

seu primeiro convite, de fato direcionado única e exclusivamente a ela, Magda. Um dos bonitos da época tirou-a para dançar e, no meio do salão, ao som de uma música lenta, encostou seu rosto nos ombros do rapaz e se deixou divagar: *seria isso afeto? Carinho?*

O primeiro namorado é hoje uma personalidade influente em Ouro Preto. Começou a namorá-lo quando tinha 19 anos – e ele tinha 17. Foi com ele que fez amor pela primeira vez. Contou para mãe: “Mãe, eu me achei!”. Quando o pai ficou sabendo, foram algumas horas de discussão. O conservadorismo tornava inadmissível uma mulher não “se guardar” para o casamento.

Zé Rosa, o pai, só passou a conhecer de fato – e a aceitar melhor o namoro – quando o rapaz, que tinha uma banda de pagode, tocou no aniversário do pai. Foi um ano e meio de relacionamento. Magda ainda fala com gosto o nome e sobrenome do seu primeiro namorado – o que não se repetiria em relação aos envolvimento seguintes.

Foi quando adolescente também que o caminho de Magda se cruzou com o meu pela primeira vez. Antes mesmo de eu nascer, Magda conheceu meu tio, meu pai e meus avós. Frequentou a casa deles, viu meus pais quando eles ainda eram namorados e consagrou-se a melhor amiga de Anderson, meu tio, irmão do meu pai. Os dois se conheceram na fanfarra da escola e os laços perduram até os dias de hoje.

Também foi nessa época que ela começou a ter suas primeiras experiências afetivas no campo amoroso. Durante sete anos relacionou-se com um homem

que não a assumia como namorada. A fidelidade e o desejo dele dependiam do valor monetário que ela estava disposta a gastar naquela relação. O namorado pedia presentes e dinheiro como condição para o sexo. Não a chamava de *namorada*, não assumia a relação diante dos outros – e a traiu com uma amiga dela.

Quando pensa sobre o que aceitava naquela época, Magda percebe que vivenciou uma sequência de três relacionamentos abusivos: “Eu não era suficiente, eu não tinha capacidade de amar ou de ser amada, eu me vi assim, as pessoas faziam com que eu acreditasse nisso, que eu não era capaz de ser feliz, que eu não sabia. Aí eu comecei a me envolver com pessoas problemáticas.”

Como é possível saber o que é o amor, o afeto, sem nunca ter experimentado a sensação? Pelo quê ansiamos quando queremos o amor, mas não sabemos reconhecê-lo? O que aceito do outro quando procuro algo que não sei nomear? Magda procurava o amor, ansiava por ele. Pensou reconhecê-lo em alguns olhares por aí – e teve certeza de que o viu em Guilherme.

Magda conheceu Guilherme quando dava aulas de alfabetização no distrito de Rodrigo Silva, em Ouro Preto. Tudo começou com flertes inocentes. O rapaz trabalhava de pedreiro em uma obra perto da Escola que Magda lecionava, quando ela passava, ele cumprimentava: boa tarde, ‘fessora’. Com o tempo, começou a levar algumas merendas que sobravam para o rapaz e assim foram se aproximando. Quando acabou o seu período de trabalho em Rodrigo Silva, Magda foi até a casa dele para se despedir, mas a

memória do rapaz a acompanhou até o subdistrito de Bocaina, para onde ela foi transferida para dar o mesmo curso.

A paixão avassaladora quase nunca se contenta em permanecer no coração, obriga ser falada para ser digerida, foi nessa aí que Magda contou sobre o rapaz de Rodrigo Silva para suas novas alunas do subdistrito Bocaina, onde estava morando temporariamente para lecionar. As mulheres, inebriadas pela história de amor, encorajaram Magda a ir a uma festa tradicional na cidade do rapaz. Os dois se esbarraram na rua, como em um filme de romance. Beijaram-se e amaram-se, também como em um filme de romance. Dois meses depois, estavam morando juntos. Mas como a vida real costuma ser mais dura e cruel que nos filmes de romance, a família do Guilherme não aceitava o relacionamento: “Preta, pobre e gorda era inadmissível, né?” – Magda resume.

A família dele teve um papel central no processo que minou a relação dos dois ao não aceitar o noivado. Guilherme, sem apoio da família, não conseguia continuar. Não se casaram, embora continuassem morando juntos. Mas já havia pouco de um casal ali. Por fim, a situação tornou-se insuportável e terminaram.

Magda voltou para Ouro Preto e lá conheceu Rogério. Ficaram um ano e meio juntos. Ele a pediu em casamento em uma Quinta-Feira Santa e, dois meses depois, morreu de infarto. Foi nessa época que Magda deu início a um tratamento psicológico – e foi também quando começou a escrever. Em meio às aflições do luto, da solidão e da tristeza, Magda

encontrou, na escrita, uma forma de aliviar o que sentia. E foi nesse momento que uma paixão antiga apareceu.

Como quem não quer nada, entrou na farmácia em que Magda agora trabalhava como atendente, um rapaz. Um rosto mais que conhecido, uma paixão que ela cultivou por vinte anos. Magda e Marcos conversaram, combinaram de sair. Foi uma garrafa de vinho e uma paixão de nove meses. Nove meses de idas e vindas: nunca foi assumida, o rapaz sumia e voltava quando bem entendia. E Magda estava sempre ali, esperando. Somente dias depois, enquanto falava com minha mãe, foi que tomei consciência de quem ela era. Quando me ouviu falar sobre os acontecimentos da semana, citando a escolha da “Diguinha”, minha mãe não teve dúvidas: “Diguinha? A melhor amiga do seu tio Anderson?” O clique veio aí. Diguinha, então, era a pessoa de quem ouvi falar durante tantos anos.

Agora nos aproximamos da Magda que eu conheci. No meu primeiro mês trabalhando na Assessoria de Comunicação de uma vereadora em Ouro Preto, houve um evento chamado “Mulher de destaque” – uma solenidade para premiar mulheres que faziam muito pelo município. A *mulher destaque* escolhida pela minha chefe foi “Diguinha”. O apelido não me pareceu nem um pouco estranho, mas eu não conseguia lembrar. Quando montei o resumo sobre Diguinha, escrevi sobre seu trabalho de 13 anos na rede municipal de saúde como auxiliar de farmácia. Enobreci suas raízes cultivadas em Ouro Preto, mais especificamente no bairro do Veloso.

No dia da cerimônia, tirei fotos dela e a cumprimentei. E, ainda assim, não me veio qualquer lembrança dela.

Somente dias depois, enquanto falava com minha mãe, foi que tomei consciência de quem ela era. Quando me ouviu falar sobre os acontecimentos da semana, citando a escolha da Diguinha”, minha mãe não teve dúvidas: “Diguinha? A melhor amiga do seu tio Anderson?” O clique veio aí. Diguinha, então, era a pessoa de quem ouvi falar durante tantos anos.

Quase um mês depois, encontrei-me com ela por acaso na rua. Conteí sobre o estranho destino que me fez escrever sobre ela como mulher homenageada pela Câmara Municipal (sem saber que se tratava, na verdade, da melhor amiga de meu tio) e falamos um pouco sobre minha família – mais especificamente sobre meu tio Anderson, que mora em Pernambuco, onde luta contra a leucemia há vários anos. Eu a havia convidado para ser uma de minhas entrevistadas, e nossa conversa se concretizou alguns meses depois desse contato inicial.

A Diguinha de agora namora uma mulher, Darlene, que conheceu durante uma palestra que ministrou sobre o Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha no dia 9 de julho de 2022 no Sindicato dos Trabalhadores Técnicos Administrativos da UFOP - ASSUFOP . Estão apaixonadas e se amam muito. Darlene segura a mão de Magda na rua, apresentou-a para a família e não esconde o seu amor. Foi somente com a chegada de Darlene que Magda conseguiu pôr um fim definitivo à relação passada.

Darlene, entretanto, é excessivamente ciumenta e temperamental. Quando conversamos, o aniversário de 50 anos de Magda estava próximo, ela planejava uma festa rodeada de pessoas que julgava importantes nesse caminho, mas a namorada não se sente muito confortável com a festa. Magda, no entanto, fortaleceu-se bastante e, agora, sabe colocar limites importantes em suas relações: “Eu vou fazer minha festa, você sabe que eu te amo, você sabe que eu gosto de você. Eu te apoio em tudo que você faz. Eu só queria que você me apoiasse” – foi o que disse à Darlene.

Magda me fala sobre quem é agora, chegando ao marco dos 50 anos. Diz que não se sente mais feia como quiseram fazê-la acreditar durante todo esse tempo. Mais do que isso, sente que merece ser amada. Fala sobre sua fé no amor perfeito, que, para ela, é simples e singelo: “Eu acho que eu amo demais tudo” .

Magda continua escrevendo bastante. Se tem uma coisa que une pessoas atormentadas por uma capacidade gigante de amar, essa coisa é a escrita – poemas, contos, crônicas e romances. Ela também me fala sobre “Deus de ébano”, uma história que escreveu em homenagem a um amigo.

“Meu pai diz que sou muito boa em falar, que sou muito boa em escrever, mas que, quando se trata de amor, demorei muito para aprender”, conta. Mas eu não acho, Magda. Para mim, você nasceu amando e amar foi tudo o que você fez até agora. E é difícil saber ser amada também. Ou não confundir o amor com outras coisas. Mas isso nunca foi culpa sua. Sei que você sabe amar pela forma como fala do meu tio, pelo

zelo que vocês têm um com outro. Sei que sabe amar pela forma como falou comigo, pelas histórias que me contou. De uma mulher que escreve sobre emoções que correm pelo peito para outra. O caminho de quem tem o coração grande demais é sempre árduo, mas valioso.

Magda nasceu virada e foi assim que seguiu, na contramão do que esperavam dela, traçando seu próprio caminho, abraçando seus erros, acertos, defeitos e qualidades. Insubmissa, como as lágrimas das mulheres no livro da Conceição Evaristo.



Maria, o amor-perfeito



Tem um jardim, um que eu nunca conheci, nunca vi, mas ele é cheio de flores coloridas, cheia de rosas amarelas, vermelhas e brancas. Esse jardim fica em uma casa de muro cor de rosa, em Camargos. Na rua, é conhecida como a "casa das flores". Uma entrada digna de um lar, um jardim plantado e adubado com amor, amor de filme mesmo. Plantada por Dario para Maria, que ama rosas. Essa é a história de amor da Maria de Lourdes e Dario Pereira e começou há 57 anos.

Encontrei Maria de Lourdes num sábado gelado. Caminhei até a casa dela segurando o celular com o GPS aberto, vestida com várias camadas de roupa na tentativa de me esquentar. Bati na porta de uma casa linda, com os batentes da janela pintados de cor-de-rosa e parede branca. O número da casa é anunciado por uma porcelana pintada com flores em volta. Primeiro, Maria espiou pela janela para ter certeza de que era eu quem bate a campainha. Depois abriu a porta, com um sorriso cansado no rosto.

Fui recebida por Maria, uma senhora de 74 anos, envolta em ainda mais casacos que eu. Assim que entrei, ela me encaminhou até o sofá de sua casa. Por ali, o que mais me chamou a atenção foi o aparador que carrega fotografias de uma vida inteira: pais, filhos, netos, Maria e Dario, todos emoldurados em momentos especiais, sorrindo um para o outro, a mão do Dario sempre delicadamente encostada ao ombro da Maria, e ela sempre com os olhos brilhando para ele.



Maria conheceu Dario ainda moça. Tinha o hábito de tomar sol com irmã pequena ao colo, durante as manhãs. O rapaz, pedreiro, passava pela rua, sempre entregando olhares e sorrisos para Maria, que não queria saber de galanteios. Com o tempo, foi tomando mais liberdade e passava dizendo: “Ainda vou me casar com você”, como quem roga um pedido aos céus, Maria, sem saber do seu destino e irritada pela petulância do jovem, jogava pedras em Dario, que ria e continuava seu caminho.

Foi assim durante um tempo, até que pararam de se ver. Dario alistou-se para o exército e anos se passaram até que eles se vissem de novo, no Colégio Padre Avelar, onde os dois faziam um curso de contabilidade. Agora, mais velhos e maduros, não havia as petulâncias do Dario, nem as pedras da Maria – só as conversas, sorrisos e olhares de longe, até que decidiram namorar. O beijo veio somente depois de um ano. E o amor foi para a vida inteira.

Casaram-se cinco anos depois e tiveram três filhos: duas meninas e um menino. Maria ensinava história para o ensino fundamental 1 e 2, na rede estadual, e também trabalhava como contadora em uma empresa. Passaram por vários tipos de dificuldades juntos, confiando nos planos de Deus. Maria herdou da avó – que a criou até os 7 anos de idade – a paixão pelo artesanato e a fé. Durante nosso encontro, ela apontou para as imagens sacras na parede e informou: “Fui eu quem pintei”.



Dario e Maria eram chamados de “Casal Vinte” na rua, numa referência a um seriado da TV americana dos anos 1980, baseada no dia a dia de um casal muito apaixonado. Na rua em que moram, Maria de Lourdes é chamada de Cota, Cota de Dario. Se alguém disser apenas Maria de Lourdes, ninguém sabe quem é.

Quando caminham pela cidade com seus afazeres, as mãos estão sempre entrelaçadas. Não tem “dever dele” ou “dever dela”. Há somente as atividades de ambos, que eles fazem juntos. Ela o acompanha ao mecânico, ele a acompanha até a Academia de Bordados Marianense, onde é “acadêmica”. Também juntos, eles vão à missa, além de atuarem nos encontros de casais da igreja, orientando os jovens noivos que pretendem se unir no matrimônio – uma atividade que exige paciência e delicadeza, coisa que ela e Dario têm de sobra.

Passaram todos esses anos de casamento mantendo as mãos dadas, principalmente frente aos desafios da vida – seja em relação à convivência familiar ou aos problemas gerais que assombram qualquer existência. Maria e Dario passaram esses 57 anos com companheirismo, cuidado, paciência, amizade e amor, sempre respeitando as diferentes fases da vida de cada um e sempre procurando um jeito de demonstrar o afeto e a paixão. Criaram os três filhos e ganharam sete netos. Uma história de amor onde nada faltou. Hoje, o único tormento, nessa história, é a ausência de Dario. É ter que ouvir a voz embargada da Maria falando sobre o seu amor no passado.

Dario faleceu em 2022 após uma cirurgia mal sucedida. Enquanto estava no hospital, ele só pensava em Maria,

em “sua menina”, como ele a chamava. Pedia para os filhos cuidarem bem da mãe. Até nesse momento, ela significava para ele mais que qualquer outra coisa no mundo. Quando fala sobre a perda do marido, Maria pressiona a mão contra o peito, como quem sente uma dor física: “Eu choro porque eu tive uma vida de muito amor, de muito companheirismo, enquanto tem gente que chora por nunca ter vivido isso. Eu era apaixonada por ele, eu sou apaixonada por ele. O que eu vivi com meu marido...olha...deve dar para contar nos dedos quem viveu igual a mim” .

Ela passa os olhos pela casa diversas vezes. A presença do Dario parece estar ali para ela e é como se estivesse para mim também. Está ali nos batentes da porta que ele pintou de rosa, porque é a cor favorita da Maria. Está no rádio que ele levava para a cozinha para, ao som de uma música, tirá-la para dançar enquanto ela ria e dizia que “as panelas iam queimar” . Está na televisão que eles assistiam juntos, está em todas as coisas que fizeram juntos – todas as viagens, danças, missas e almoços.

Maria sente a solidão após 57 anos de companheirismo. Perdeu vinte quilos no processo de luto. No início, uma de suas filhas mudou-se para a casa dela com os dois filhos. Avó “babona”, distraiu-se um pouco da dor com a presença dos netos. Com eles ali, tinha um motivo para continuar fazendo as tarefas domésticas. Entretanto, a filha teve que voltar à rotina e não pôde permanecer na casa dos pais por mais tempo.

Mas Maria não ficou sozinha. Uma semana depois, o filho que morava em Belo Horizonte conseguiu um emprego em Mariana. Agora, fica com a mãe de

segunda a sexta. Maria gosta da companhia, é bom ter alguém para conversar.

O luto dela me parece algo confuso. Vejo em Maria uma dualidade: sentir essa dor tão alucinante justamente por ter amado demais uma pessoa. Acho que deve ser muito doloroso se acostumar com a ausência após 57 anos de companheirismo – e para sempre vai doer. Porém, Maria, com o passar do tempo, outras coisas se erguerão ao redor dessa dor e você verá, nas manias dos seus filhos e no brilho nos olhos dos seus netos, a presença de Dario e a confirmação do amor de vocês. Dario existiu, preencheu a vida de quem o conheceu com seu enorme coração e bondade, vocês dois existiram e formaram uma linda família e mudaram a história de várias pessoas que passaram por vocês. E isso existirá para sempre.

Jamais conhecerei Dario. Para mim, fica a imagem que vi na foto e as histórias que Maria me contou. Através delas, vejo um homem incrível, carinhoso, bondoso e apaixonado. Um homem que fez um jardim de rosas na casa deles, em Camargos, porque Maria gosta da cor rosa. Um homem que será lembrado sempre com os melhores adjetivos pelos filhos, netos e por Maria. Maria diz que Dario mudou a sua vida. Com ele e depois dele, tornou-se uma pessoa melhor, mais bondosa, atenta e sensível. Diz ainda que sente falta de rir com ele, de viver o dia a dia, a rotina, ao lado de Dario. Penso que isso é o mais pleno do amor, de tudo que ele pode dar. O amor transforma você em uma pessoa melhor, faz você rir e transforma a rotina em algo lindo.

Quando me despeço da Maria, com a mão na

fechadura, ela olha no fundo dos meus olhos. Enxergo seu cansaço e sua tristeza quando ela fala: “Eu digo aos mais jovens: se você encontrar alguém que vale a pena, não tenha medo, vá. Vá porque o amor vale a pena. O amor sempre vale a pena.” E vale mesmo, Maria. O amor que você viveu com Dario vai cobrir o espaço-tempo da existência de todos os humanos, está marcado na linhagem dos seus filhos e netos e continuará para sempre. Porque o amor é a força motora de tudo – e um amor bonito assim merece ser lembrado. Não sei o que penso sobre a vida eterna, mas, quando ouço a história desses dois, torço para que ela exista. Torço para que haja um “para sempre”, onde você e Dario se reencontrem em uma casa com um belo jardim florido na frente e que possam se amar até o infinito.





Agradecimentos

Aos que me ensinaram primeiro sobre amor, minha mãe, Andréa e meu pai, Eliseu. Obrigada por me preencherem de boas referências sobre o que é amar e ser amado, jamais teria chegado a lugar nenhum se não tivessem me ensinado desde cedo que amor é respeito e compromisso. Honro vocês.

Helena, minha irmã. Você chegou e eu reaprendi a amar aos 16 anos, guardo para você o mais puro e verdadeiro amor.

A todas as pessoas da minha família, em especial as mulheres que vi sofrendo por violências que tentavam disfarçar-se de amor.

Mírian, Sarah, Jeane, Magda, Patrícia e Maria de Lurdes por toparem sentar comigo e serem vulneráveis, espero que se sintam representadas pelas histórias. Aprendi um pouco sobre amor com cada uma de vocês.

À minha orientadora, Profa Dra. Hila Bernadette Silva Rodrigues por apoiar e acreditar nesse projeto e no meu trabalho.

Beatriz Melo, pelo trabalho impecável na diagramação, pela criatividade e carinho e pela parceria de sempre.

Ao excelente artista, Mayron Gomes, pela ilustração da capa.

Aos meus queridos amigos que choraram lendo as crônicas e os que sempre acreditaram mais em mim do que eu mesma, em especial Camila, Cleverton, Giovanna, Ívina, Sarah, Tiago e Mírian. Amo vocês.

Aos amigos que fiz pelo caminho e serei sempre grata por todo amor compartilhado: Luciano, Enzo, Maria Eduarda, Laene, Lucas, Igor, Rayan, Victória, Rafaela e todos irmãos/vizinhos.

À Universidade Federal de Ouro Preto pelo ensino público de qualidade!



AMANDAPALMEIDAJOP.JOURNOPORTFOLIO.COM



AMANDAPALMEIDAJOP@GMAIL.COM





Baobá